

## **Um novo laço entre psicanálise e educação**

Camille A Gavioli

Eixo 3: Formação e trabalho de profissionais da infância

Esse texto ganha contorno a partir de inquietações suscitadas pelo trabalho como membro da equipe da pesquisa 'Dispositivo de Intervenção de Crianças com entraves na estruturação psíquica'<sup>1</sup>. Um de seus eixos – e é deste que participo – é o trabalho com professores de crianças em situação inclusiva. O trabalho clínico com os educadores que, de chofre, põe educação e psicanálise em campo, implica pensar os laços entre esses dois campos.

Em pesquisa anterior<sup>2</sup>, discutimos o laço entre psicanálise e educação considerando a persistente abordagem que enfatiza a diferença entre os campos, em detrimento da proximidade entre eles.

“Por que falar mais do que diferencia do que aproxima? A questão parece sintomática e há um silenciamento a ser enfrentado. É característica da psicanálise uma postura interpretativa. Em alguma medida, poderíamos dizer uma postura investigativa, e é de acordo com esse princípio que devemos submetê-la à sua própria lógica. É próprio da psicanálise provocar questões a partir das quais o outro possa implicar-se, o que, por sua vez, possibilita novo olhar para os lugares ocupados; não fazer isso é deixar de lado seu compromisso ético”.

Naquele trabalho<sup>3</sup>, em uma leitura pelo viés genealógico, entre outros pontos abordados, consideramos especialmente 2 laços: um simbiótico, indicando a confusão inicial entre tratar e educar; e outro, feito a partir das fronteiras definidas entre os campos.

Para o presente texto, interessa trazer a noção de proximidade entre psicanálise e educação, longamente abordada naquela pesquisa, bem como alguns desenvolvimentos ali propostos e dar outros passos. De que modo se servir da proximidade para pensar a clínica ampliada?

O impossível de alcançar pode ser considerado um ponto de encontro entre tratar e educar. Também em referência à pesquisa anterior<sup>4</sup>, o impossível é caracterizado como miséria comum a esses dois campos, sendo pensado em termos de mal-estar estrutural, por isso inevitável, e não apenas fruto de contingências de determinado momento. Voltolini<sup>5</sup> indica o laço pela miséria partilhada, em contrapartida a uma leitura em que pese uma interpretação de que um campo se sobrepõe a outro, nesse caso, respectivamente, psicanálise e educação.

‘Analistas e educadores ao lado de governantes partilham da impossível tarefa de ‘tentar interferir no destino’ de alguém. Impossível porque sempre inadequada face ao ‘desejável’, impossível, porque interminável, temos sempre que reinventar um caminho com o próximo’

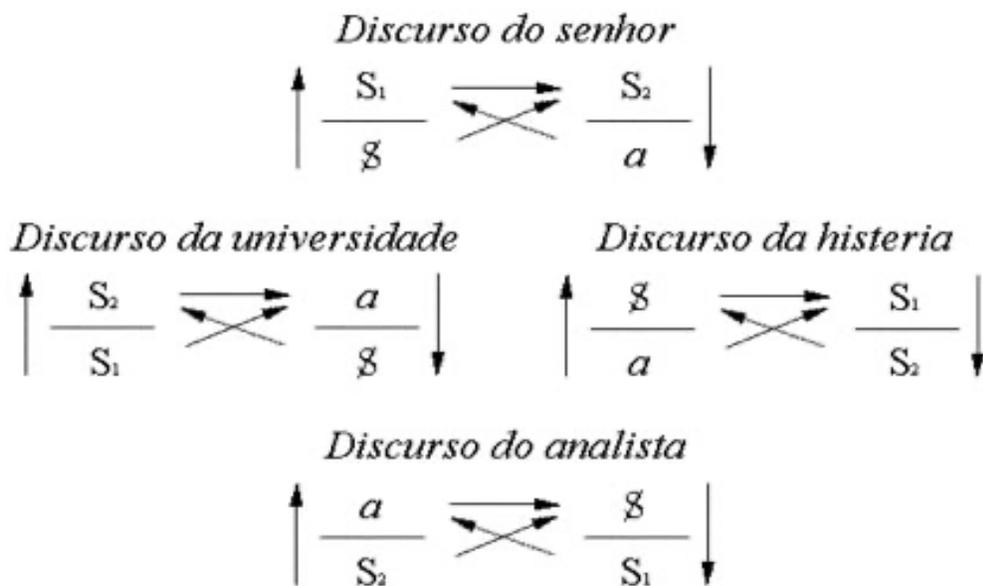
Ressaltamos a abertura à perspectiva inventiva, que vem aqui com o próximo, tal como uma oportunidade, diante do impasse frente o impossível, o qual também será abordado em termos de modalidade discursiva logo mais.

Partindo também da proximidade entre educação e psicanálise, Voltolini<sup>6</sup> propõe pensar em termos da mínima diferença. O que, pensando em termos imaginários, ou no narcisismo das pequenas diferenças, pode levar ao embate. Isso poderia explicar, em alguma medida, a ênfase dada à diferença entre os campos. E, considerando os discursos elaborados por Lacan<sup>7</sup>, Voltolini<sup>8</sup> lembra que apenas um quarto de giro separa o analista do educador.

Para prosseguir, vale lembrar que a pesquisa em questão tem um de seus eixos estabelecido nos grupos de escuta de professores. Nesse sentido, a via dos discursos também se mostra um viés interessante para pensar o dispositivo grupal.

Em seu Seminário livro XVII<sup>9</sup>, com a formulação da teoria dos quatro discursos, Lacan marca a existência de um “discurso sem palavras”<sup>10</sup>. O discurso é pensado como estrutura que permeia o laço social. Sublinho o termo laço, que aqui ganha novo adjetivo.

Lacan propõe quatro modalidades discursivas: DM, DU, DH e DA (Discurso do Mestre, Discurso Universitário, Discurso da Histérica e Discurso Analítico, respectivamente)<sup>11</sup>. Cada discurso conta com 4 elementos (S1, S2, \$ e a) que ocupam 4 posições distintas (agente, outro, produção e verdade) e é de acordo com a disposição destes mesmos elementos que se configura cada uma destas modalidades discursivas:



Aqui as posições:

Agente -> Outro  
Produção      Verdade

Os elementos são sempre os mesmos, não mudam. O que muda é sua posição em cada discurso. Mais precisamente, é a partir do elemento que está em posição de agente que se define cada

modalidade discursiva. Ou seja, o elemento que está em posição de agente é o que comanda<sup>12</sup>. O movimento de um discurso a outro segue o sentido dextrogiro. Então, se temos 4 discursos e 4 elementos, consideramos que com  $\frac{1}{4}$  de giro o elemento que está em posição de agente muda, e assim, passamos de uma determinada modalidade discursiva à outra.

Vemos um intenso trabalho dialético entre os lugares dos discursos e o laço, assim temos distintos modos de enganche entre os elementos. Em psicanálise, e este é o novo que este discurso aponta, o laço não é evidente porque ele vem precisamente no lugar de um laço impossível, aquele entre os sexos. A própria teoria dos discursos revela, a partir da estrutura que lhe é própria, a impossibilidade da relação. Impossibilidade esta que fica expressa nos 2 elementos que, em cada discurso, estão sob a barra. Tais elementos, como indicam as flechas, não tem relação direta entre si. (fig. acima)

Partindo dos discursos propostos por Lacan<sup>13</sup>, Bastos<sup>14</sup> propõe tomar o grupo de professores como um discurso para analisar o tipo de laço social que se faz, bem como os distintos efeitos produzidos nos sujeitos envolvidos nessa circunstância. Nessa experiência de trabalho, verifica-se que por meio da explicitação das produções discursivas em jogo, pode haver um efeito para o sujeito e circulação. É o que Lacan<sup>15</sup> chama de confrontação com seu próprio dizer.

Há uma aposta de que o dispositivo grupal possibilitaria algum intercâmbio de experiências e interlocução de modo a promover um questionamento sobre as significações dadas aos sintomas das crianças, bem como uma implicação com aquilo que diz<sup>16</sup>. Está em jogo aí também a possibilidade de uma desconstrução, imaginária: a emergência de um novo, que esvazia a significação fixada.

Quando aquele que fala, na posição de agente de um discurso, não encontra alguém que responda desde a posição de espelho – ou seja, do lugar de fala a que estava destinado – surge um novo lugar, há circulação discursiva. Os discursos giram e a cada giro há passagem pelo discurso analítico. Outro laço. Como semblante, o agente no discurso analítico fura os discursos, ou seja, o que os outros discursos recobrem é de onde o analítico opera. Desde esse novo lugar, no discurso analítico, um elemento outro ocupa o lugar de agente e isso faz com que aquele que tomou a palavra tenha que se confrontar com seu dito. O interessante é que essa confrontação talvez contribua para abertura e a invenção de outras ficções, no lugar onde havia “fixões”, comumente expressas em forma de queixa e de impotência. O trabalho é clínico, via manejo do campo transferencial e do ato, a partir da singularidade.

No caminho percorrido até aqui, percebe-se a possibilidade de um novo laço entre psicanálise e educação considerando a proximidade entre os campos. A ideia é a de seguir explorando essa perspectiva – a proximidade entre os campos - na clínica, articulando-a à pesquisa atual que busca verificar a potência de um novo dispositivo de intervenção clínica, bem como a teorização desse trabalho.

---

<sup>1</sup> Apoiada pela Fafesp

---

<sup>2</sup> GAVIOLI, C. A. *Sobre laços entre tratar e educar na obra freudiana: uma discussão a respeito da proximidade* São Paulo, 2009 Dissertação (Mestrado em Psicologia e Educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

<sup>3</sup> ibid

<sup>4</sup> ibid

<sup>5</sup> VOLTOLINI, R. Education as an 'inconvenient fact' for psychoanalysis.. In: PSICANALISE, EDUCACAO E TRANSMISSAO, 6., 2006, São Paulo. **Proceedings online...** Available from: <[http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=MSC0000000032006000100006&lng=en&nrm=abn](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000032006000100006&lng=en&nrm=abn)>. Access on: 24 Jan. 2022.

<sup>6</sup> VOLTOLINI, R *Psicanalisar e educar ou Psicanálise e Educação? Um retorno a Freud* In: Leite, N V A; Trocoli, F (orgs) Um retorno a Freud. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008, p. 325-337.

<sup>7</sup> LACAN, J. (1969-1970). *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise* Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

<sup>8</sup> VOLTOLINI, 2008, op. cit.

<sup>9</sup> LACAN, (1969-1970), op. cit.

<sup>10</sup> Ibid, p. 158

<sup>11</sup> O discurso do mestre: S1 -> S2

                  \$           a

O discurso analítico: a -> \$

                  S2        S1

O discurso universitário: S2 -> a

                  S1        \$

O discurso da histérica: \$ -> S1

                  A        S2

<sup>12</sup> No discurso analítico, o elemento 'a', localizado no canto superior esquerdo, está na posição de agente.

a -> \$

S2        S1

<sup>13</sup> LACAN, op. cit.

---

<sup>14</sup> BASTOS, M. B. *Inclusão escolar: um trabalho com professores a partir de operadores da psicanálise*. São Paulo, 2003, Dissertação (Mestrado) – Psicologia escolar e desenvolvimento humano – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

<sup>15</sup> LACAN, J. (1958) *A direção do tratamento e os princípios de seus poder* In: Escritos. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1998, p. 598

<sup>16</sup> BASTOS, M. B. *Inclusão escolar: inclusão dos professores?* In: COLLI, Fernando & KUPFER, Maria Cristina Machado (orgs.). *Travessias inclusão escolar. A experiência do grupo ponte – Pré-escola Terapêutica Lugar de Vida*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005. p. 133-148.